

Professoras negras em universidades públicas do Ceará: das práticas de enfrentamento aos afrontamentos raciais

Black teachers at public universities in Ceará: from the facing practices to racial confrontations

Maria Simone Euclides¹
Joselina da Silva²

RESUMO: O presente artigo é parte da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada “Mulheres negras, doutoras e professoras universitárias”, cujo objetivo é analisar a trajetória profissional de mulheres negras doutoras e professoras universitárias de universidades públicas do estado do Ceará. A metodologia adotada é qualitativa pela realização de entrevistas semiestruturadas. Os resultados encontrados até o momento chamam a atenção para a perpetuação de racismo e sexismo nas universidades e para as estratégias cotidianamente redesenhadas por docentes negras, pelo enfrentamento direto dessas questões em seu *locus* de atuação acadêmica e extra-acadêmica.

ABSTRACT: This article is part of an ongoing doctoral research entitled “Black Women, University Teachers and PhDs”. The objective is to analyze the professional trajectory of PhD black women and university professors of public universities in the state of Ceará. The adopted methodology is qualitative through semi-structured interviews. The results found so far, point to the perpetuation of racism and sexism in universities and has shown the strategies that have been redesigned daily by black teachers, through their direct confrontation of these issues in their academic and extra academic performance locus.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Ensino superior. Professoras negras.

KEYWORDS: Racism. Higher education. Black teachers.

1 Professora da Universidade Federal do Piauí, doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará. E-mail:simoneeuclides@yahoo.com.br

2 Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Coordenadora do N'BLAC (Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Gênero, Relações Raciais e Movimentos Sociais). E-mail: joselinajao@yahoo.com.br

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos estudos sobre gênero e ciência no Brasil e na América Latina, há um número considerável de análises na tentativa de compreender e dar visibilidade a mulheres e suas contribuições no campo científico; todavia, pesquisas que elucidem a interseccionalidade de gênero, raça e ciência não são encontradas com exatidão. Estudos de Joselina da Silva (2010) e Minella (2012) já problematizaram a discussão de que há ausência de estudos que articulem gênero, raça e ciência. A maioria dos estudos que trata de mulheres negras docentes enfatiza, pelo lado da trajetória de vida, as situações de racismo e sexismo enfrentadas até chegar ao doutorado e/ou à carreira docente³.

De modo a avançar no debate sobre tensões de gênero e raça no ensino superior, o presente estudo visa a apresentar as dimensões de racismo e sua incidência nas trajetórias profissionais de professoras negras e doutoras, que atuam em universidades públicas do Estado do Ceará. Neste texto, faz-se um esforço de não tratar dessas trajetórias como “exceções que confirmam a regra” de modo a não cair no discurso da meritocracia, pelo contrário, dar visibilidade a inúmeras narrativas de mulheres negras em suas resistências cotidianas contra racismo e sexismo.

Para mulheres negras na docência do ensino superior, quais seriam os desafios? Que tipo de “demandas” passam a ser requeridas? O que significaria ser professora negra, intelectual e militante em uma universidade pública? De modo a buscar respostas a esses questionamentos, este artigo traz um panorama das relações raciais presentes em universidades públicas do Estado do Ceará. A metodologia utiliza entrevistas semiestruturadas com as docentes, num roteiro predefinido. Foram feitas 7 entrevistas⁴: 3 com docentes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- (UNILAB), 3 com docentes da Universidade Estadual do Cariri – (URCA) e uma com docente da Universidade Estadual do Ceará- (UECE).

2. RACISMO, SEXISMO E SUAS IMPLICAÇÕES

De modo a classificar os indivíduos e assim dividi-los em uma hierarquia que varia de acordo com a tonalidade da cor da pele, o racismo impera em diversas instâncias da sociedade, impedindo que negros e brancos tenham o mesmo acesso às possibilidades circunscritas no mundo moderno. Um exemplo disso é o racismo institucional, que, assim como os demais,

3 Ver Gomes (1994), Oliveira (2006), Crisostomo e Reigota (2010), Nascimento e Muller (2011), Silva (2012), Nascimento (2012), Reis (2012), Moreira (2013), (2013), Prates (2014), Laborne (2014).

4 De modo a manter o anonimato das professoras negras e fazer jus a suas respectivas lutas cotidianas, resolvemos identificá-las por mulheres negras que na histografia brasileira trazem como símbolos a luta e a resistência, entre elas: Dandara, Carolina Maria de Jesus, Nzinga, Antonieta de Barros, Preta Zeferina,, Luiza Mahin e Tia Marcelina

cria barreiras de acesso a determinados espaços sociais. Dessa forma, a ausência de negros em espaços privilegiados como o ensino superior ou cargos que culturalmente têm a presença majoritária de brancos é sinal de que há embutido na lógica social um recorte hierárquico de raça no qual estão claramente definidos lugares e papéis sociais.

Na visão de Guimarães (2008), o racismo é uma forma bastante específica de naturalizar a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais segundo diferenças tomadas como naturais. A atitude em que o racismo se baseia, assim como todas as outras formas de naturalização do mundo social, está presente no cotidiano, quer seja nas relações micro, quer seja nas macrorrelações. Dessa forma, ser negro no Brasil é também arcar com o ônus de um passado que ainda insiste em dizer que lugar cada um deverá ou não ocupar no mercado de trabalho e em outras esferas públicas.

Um dos recortes muito utilizados para tornar invisível a problemática racial repousa no discurso da meritocracia, ou seja, que todos os indivíduos têm as mesmas condições de “vencer na vida”. Por detrás da ideologia do mérito, fica embutida a noção de desempenho e capacidades individuais sobrepondo-se às singularidades de preconceito, discriminação e às dimensões raciais em sua totalidade. Assim, a grande questão da meritocracia é inculcar-nos que os negros não conseguem acessar os bens do mercado simbólico como culpados pela sua própria sorte. A assunção da culpa e a interiorização dos problemas de um contexto maior de hierarquias acabam por legitimar ainda mais uma identificação negativa sobre si mesmo.

Mais do que questões forçadamente permanecerem “mal resolvidas no imaginário social”, fato é que pertencer a um determinado grupo étnico racial é ocupar lugares diferenciados dos demais. Nos estudos de Hasenbalg (1979 *apud* RIBEIRO, 2006), chegou-se à conclusão de que os estudantes brancos teriam mais chances de fazer com sucesso as transições educacionais do que os estudantes negros. A desigualdade se faria bem antes da entrada no espaço educacional e posteriormente à sua entrada no mundo do trabalho. Ainda que se obtivesse o mesmo patamar de graduação que os estudantes brancos, após a conclusão dos estudos, os não brancos entrariam em desvantagem no mercado de trabalho em decorrência da sua cor. Dessa forma, embora o elemento raça não apareça concretamente como impedimento para a ascensão dos negros e negras na sociedade, ele se constitui como elemento camuflado de racismo, mas que faz diferença na entrada no mercado de trabalho (SILVA, 2012).

Trazendo à tona também as questões de gênero, nossa sociedade, ao hierarquizar raça e gênero, criou uma série de privilégios, em que o segmento racial negro e a grande maioria das mulheres ficam em situação desprivilegiada (SILVA, 2012). Encontrar mulheres negras em posições para além de empregadas domésticas ou babás, por exemplo, é mapear a fio

trajetórias que romperam com a cadeia das múltiplas discriminações de gênero, raça, classe, entre tantas outras.

No que se refere especificamente à relação da mulher negra no universo acadêmico, percebe-se que, nos anos iniciais, há uma sobreposição de mulheres em relação aos homens. Quando se chega, porém, aos graus superiores, nota-se pouca ou quase nenhuma presença do segmento racial negro. Em determinadas situações, a presença de negros e negras está direcionada a cursos de menor prestígio na sociedade, e em se tratando exclusivamente da presença feminina, autores como Queiroz (2001) ressaltam que o campo científico ainda é marcado pelo sexismo e pela falsa ideia de que fazer ciência é somente privilégio do sexo masculino.

Teixeira (2003) observou, em suas pesquisas, que, ao comparar as conquistas do negro no meio acadêmico e profissional por meio do título de doutor e professor universitário, isso representaria uma espécie de crachá ou *passing* que dá direito a transitar por alguns espaços que ora não eram dito legítimos à sua presença. Contudo, como ela mesma evidenciou em suas análises, tal crachá não alteraria a forma como cada um é percebido no espaço acadêmico, pois o racismo e a dúvida na capacidade de cada um continuariam a existir e a persistir no imaginário, pois fazem parte de um contexto maior da ideia de raça.

3. MULHERES NEGRAS DESAFIANDO O MUNDO ACADÊMICO

Encontrar as professoras negras não foi um exercício difícil, uma vez que, pelo seu número reduzido nas universidades, foi fácil fazer o mapeamento de todas aquelas que atuam nas universidades públicas no Estado do Ceará. Tal invisibilidade de docentes negras no ensino superior foi também reificada por uma das entrevistadas:

[...] o ensino superior nunca foi lugar para comunidade negra e em menor escala para mulheres negras.

Por que você diz isso?

Porque eu digo isso porque a gente vê a cor da Educação Superior no Brasil. Nós sabemos, os próprios dados da educação mostram isso, e a gente vê no dia a dia da nossa universidade. Mesmo que nós estejamos em um curso de Licenciatura (Pedagogia), entendendo a universidade como um todo, a gente vê claramente que não vamos encontrar os negros e os índios, que são maioria da população dentro da instituição da educação superior. Então nós vamos aparecer aos poucos... (Entrevistada Dandara, 2015)

Apesar de serem diferenciadas pelos perfis identitários de idade (idade varia entre 39 a 52 anos), e local onde trabalham, percebe-se um fio que as une individualmente e coletivamente, a saber: o lugar de origem

demarcado pela privação econômica, baixo nível de escolaridade dos pais e as estratégias de resistência frente ao contexto de privação ao racismo e sexismo. Grande parte das professoras entrevistadas são oriundas de famílias das camadas populares, que tiveram que migrar da zona rural ou do local onde moravam para centros urbanos em buscas de melhores condições de vida e estudo para os familiares. Estratégias bastante recorrentes no que concerne à possibilidade de ascensão social e mudança de vida para aqueles que não gozaram das mesmas oportunidades de escolarização nos períodos anteriores.

Quanto ao ingresso no ensino superior, para a maioria das entrevistadas, a inserção não ocorreu diretamente após a conclusão do ensino médio, pois, no decorrer desse caminho, muitas vezes, as entrevistadas tiveram que conciliar trabalho, estudo, casamento e maternidade. Assim, não houve uma trajetória linear e contínua, mas o adiamento diante das necessidades reais de sobrevivência tanto econômicas, quanto aos “papéis de gênero”. Transpondo as discussões de gênero para o âmbito educacional e científico, temos algumas peculiaridades. Apesar de haver uma feminização do espaço escolar, à medida que se avançam os níveis de ensino, menor chance de ser encontrada a participação feminina (BORDI, BAUTISTA, 2007). Há diferenciadas relações e atribuições de papéis nos quais mulheres e homens vêm ocupando posições diversificadas e desiguais no mercado de bens simbólicos.

Dessa forma, há um acúmulo de estudos que apontam tendência a identificar a ciência como algo exclusivamente masculino. Como destacam as autoras Bordi e Bautista (2007), “las ciencias son para los varones y el servicio para las mujeres”. As mulheres que logram ingressar neste espaço rompem com uma cadeia lógica de normalidade, quebrando paradigmas de competência e destino profissional. Toda essa “identificação” é parte de um contexto maior de resquícios ainda da hierarquização de papéis masculinos e femininos na sociedade. De forma simbólica, homens e mulheres já nascem com determinadas ideias do que é lugar de mulher e do que é lugar de homem, e isso se reflete nas atitudes, conquistas e projetos. É o que Bourdieu (2005) chamaria de submissão encantada ou uma socialização desde sempre realizada para manter os corpos em ordem na perspectiva de Foucault (2007) em *Microfísica do Poder*.

Ancoradas as construções culturais sobre as questões de gênero, é válido destacar algo evidenciado pelas pesquisadoras Bordi e Bautista (2007), que, para o sexo masculino, não impera a questão biológica da maternidade. Para elas, não há diretamente a necessidade de combinar o desenvolvimento profissional com a maternidade e o cuidado do lar, como o é para as mulheres. Dessa forma, isso lhes garantiria maior disponibilidade de assumir cargos de decisão nas instituições e se dedicarem à carreira acadêmica.

Essa situação não se modifica no contexto brasileiro, ao passo que o sistema patriarcal que legitima os papéis de gênero ainda não foi desmistificado. Como bem evidenciado por Carvalho e Casagrande (2011), ainda hoje há um descompasso entre a trajetória profissional despendida por homens e mulheres no mercado de trabalho, de modo que as mulheres ainda são as que assumem o papel da casa, do cuidado dos filhos e dos idosos, o que acaba implicando sua saída para o espaço público.

Tal prioridade advém da “cobrança” cultural do ser feminino, que se restringe à reprodução biológica e ao seu papel de mãe e esposa. Todos esses “papéis” interferem em como vai ser a continuidade de carreiras para ambos os gêneros. No caso das entrevistadas, boa parte dessas mulheres rompeu com esses padrões sociais e culturais e teve que enfrentar, principalmente no âmbito familiar, uma resistência muito forte para se legitimarem como pesquisadoras e cientistas. Isso ficou expresso na pergunta sobre do que essas professoras tiveram que abrir mão ao longo da trajetória profissional para se consagrarem como intelectuais e cientistas.

O fato de vivermos ainda em uma sociedade com resquícios patriarcais, ser mulher ainda está condicionado a cuidar do espaço privado bem como ter filhos e um casamento. No caso das professoras entrevistadas, romper com esse ideal feminino também foi algo desafiador e pautado em muito encorajamento, pois culmina em um novo fazer feminino que, de certa forma, vai contra as expectativas criadas pelos familiares e a sociedade em geral. Ser professora, para o pai de uma das entrevistadas, foi visto com uma “ofensa” à família. Seu pai acreditava que essa não era uma profissão relevante (entrevistada Carolina Maria de Jesus, 2015). Para essa professora, houve um processo de ruptura a partir do momento em que ela se conscientizou da existência da questão racial como um demarcador da diferenciação na sociedade, bem como da dominação patriarcal. A partir daí, ela passou a se pautar por novos rumos, saindo do binômio dominação/subordinação.

O meu maior desafio de ser negra e mulher não é fácil, pois tive que abrir mão de dois casamentos, nunca relutei em ficar em casa e ir a um congresso, pois minha família tinha que entender meu compromisso, o que pra geração dos colegas é muito difícil, porque a maioria das mulheres desiste no que quer. (Carolina Maria de Jesus, 2015)

A inspiração para seguir carreira superior veio, muitas vezes, de referências de outras professoras negras que têm uma representatividade importante na trajetória de cada uma delas. É o caso da entrevistada Nzinga e a influência de uma professora na graduação quanto à sua escolha acadêmica. Como ela bem salientou, até a entrada na universidade, ela não havia se deparado com a presença de uma professora negra, com ca-

racterísticas tão peculiares e uma forma de trabalho tão diferenciada. Pela convivência com essa docente, ela foi se descobrindo também capaz de galgar e transformar esferas de poder.

No que tange à presença das mulheres negras no ensino superior, as narrativas trazem o debate ainda caro à sociedade brasileira, ou seja, a persistência do racismo e sexismo nas relações interpessoais, conjugada a atos e atitudes de preconceito e discriminação cotidianamente. E nas entrevistas, tais dimensões aparecem sob duas formas: a mulher negra que deve provar sua capacidade intelectual para estar neste lugar, professora universitária, e a legitimidade científica de suas pesquisas.

Quanto à primeira prerrogativa, cultural e historicamente, há todo um mito fundante na sociedade que atribui aos negros falta de capacidade intelectual e desempenho e, a todo o momento, têm que provar que são capazes de exercer determinada função. A ideia de mostrar que é capaz também coaduna com a lógica de ter que se impor o respeito, seja por meio das atitudes, seja pela aparência de uma professora universitária. Tal atitude está clara também na discussão da ideia do “não lugar”, pois sendo esse um lugar culturalmente ocupado por homens e mulheres brancas, mulheres negras que aí se encontram deverão fazer jus ao espaço inserido.

A ideia dos lugares e as zonas de privilégios brancos levam a população não branca, na maioria das vezes, a acreditar que realmente os espaços ditos legítimos não são espaços em que eles deveriam estar inseridos, desacreditando, assim, nas possibilidades de mudança e transformação. Tal entendimento foi também levantado por uma das entrevistadas: “nós negros não estamos acostumados a estar em espaços de poder. Dito de forma direta, não estamos acostumados com o poder, por que não fomos preparados para ele”. Espera-se que negros e negras estejam em determinados espaços, mas não nos espaços dito das universidades. Nossa socialização nos leva a sempre reproduzir padrões sociais que nos coloquem sempre na posição de subalternos, como, por exemplo, a escolarização domesticável, o não direito à fala e à expressão, entre tantos outros exemplos, o que nos levaria a crer que não teríamos a capacidade de assumir cargos de comando dentro das instituições. Novamente, a ideia de que há um consenso implícito na sociedade e, de certa forma, aceito por todos de tal modo que há uma naturalização e banalização das desigualdades. Quebrar com essa corrente é desmistificar discursos prontos sobre si e sobre o outro.

No caso de professoras negras, é também romper com o discurso tão presente no imaginário de que seriam somente corpos negros sem mente (OLIVEIRA, 2015). E essa distinção entre corpo e mente representa também um esquarteramento entre sentimento e conhecimento, em que pensar e sentir tiraria a legitimidade do fazer científico. Conforme destaca Santos (2006);

o lugar de professor universitário não é visto de forma natural como lugar de negros. Esta é uma profissão que exige muito o uso da mente, do argumento, da inteligência, da reflexão. Estes, porém, são atributos colocados como próprios do branco (SANTOS, 2006, p. 164)

Sobre uma segunda percepção da ideia do *não lugar*, tem-se também o desmerecimento de pesquisas realizadas por mulheres negras. As temáticas investigadas por elas trazem certo incômodo aos colegas no departamento, por se tratar de questões que eles *não gostariam que fossem estudadas*. Pelo fato de trazerem para universidade discussões sobre racismo, sexismo, suas pesquisas são sempre colocadas em análises e críticas por seus pares que, direta e indiretamente, questionam a legitimidade científica (CARVALHO, 2007) Assim, em determinados momentos, há um descrédito dos demais colegas de trabalho com relação às pesquisas que cada docente desenvolve. Por se tratar de um estudo focado nas relações raciais, na visão de seus colegas de trabalho, trata-se de uma ciência inválida, colocando em xeque a capacidade intelectual de quem as desenvolve. A resposta para tal postura pode ser explicada em parte pela dificuldade que alguns espaços da sociedade têm de reconhecer a existência do racismo e sexismo nas relações sociais.

Eu tive que brigar muito no departamento (...) ter inimigas, dificuldades com as aliadas para poder estar lá dentro. Porque não é só estar lá dentro (das universidades), pautando, mas exigir uma sala, criar laboratórios de pesquisas, ter e concorrer a projetos de iniciação científica (...) então isso foi muito ardoroso. (...) Vão aparecer nos embates pela pesquisa que faço e por ser mulher negra (Entrevistada Dandara, 2015)

Se aprofundarmos tais questionamentos, cairemos na ideia da dualidade entre objetividade e subjetividade científica, o que também é uma discussão complexa e de poder, pois trata de legitimar o que seria científico e o que seria somente verbalismo, levando a desmerecer pesquisas realizadas por mulheres negras. E quando se cai nessa discussão, seria o mesmo que dizer que tais sujeitas não constroem ciência ou, dito de outra forma, a ciência é branca, masculina e eurocêntrica. Neste sentido, torna-se desafiante às mulheres negras entrar neste jogo e cotidianamente vencer os preconceitos.

O enfretamento é no sentido da invisibilidade na questão do pensamento, de sobressair da universidade. Como fazer validar uma inteligência negra? Tive dificuldade de ceder salas, nunca aceitei passivamente a subordinação. Eu vou muito pros embates e para os conflitos. Embate dos servidores da

instituição sempre tive, até mesmo de projetos dos alunos quando vão falar sobre a questão de negros, o maior embate é a forma de não respeitar essa temática, penso que vai se arrastar por mais décadas para ser validado e busco formar interlocutores para reforçar essa ideia, com consciência crítica de juventude, nosso CPF de políticas públicas é incorreto tem o C do conselho e sai do conselho sem discutir os fundos (F) então não tem como executar políticas públicas (Dandara, 2015, Grifos da autora).

Essa maneira velada de deslegitimar o fazer científico de docentes negras, como já foi dito, é mais uma forma de deixar claro que tipo de ciência e que tipo de conhecimento é tido como o ideal dentro dos espaços acadêmicos, descaracterizando toda a capacidade de criação e reinvenção da realidade.

Não adianta lutar por ações afirmativas, se eu não me constituir como referência dentro da universidade, de acolher outros negros e negras que chegam até lá (Entrevistada Luiza Mahin, 2015).

Assim, para além da militância dentro do espaço universitário, mediante as discussões que pautam a resistência e o respeito às minorias, docentes negras introduzem problemáticas sociais que até então eram consideradas tabus dentro da universidade, como a adoção do sistema de cotas raciais, discussões sobre gênero e sexualidade, sendo referência para o demais alunos (as) negros (as). Como uma das professoras salientou, a devolutiva está na sala de aula:

Em cada lugar que a gente vai estar atuando nessa sociedade, como mulher e professora negra, isso repercute diretamente nas possibilidades de vida das nossas alunas e dos familiares dessas alunas mulheres e negras, e alunos negros também, porque eles se reconhecem na possibilidade de ser também poder ser professor, doutor, pós-doutor, professor universitário, assumir a sua cor, né, se reconhecer porque se reconhece no professor. Até o nosso cabelo, a forma de se vestir, isso faz com que alunas se assumam [...] Quando eu comecei a usar o meu cabelo na perspectiva afro, todo mundo se sentiu reconhecido, começou a ver isso não como moda, mas como uma posição política, uma forma de resistência, de mostrar que sou mulher, sou professora sou doutora, sou negra e assumo minha negritude (Dandara, 2015).

Dessa forma, no departamento onde cada uma está inserida, a discussão sobre a temática racial e gênero passa para além da dis-

cussão teórica na dimensão estética em ser mulher negra, intelectual e professora universitária. Tais inserções se caracterizam como respaldo e multiplicação de pesquisas que aprofundem a discussão tanto racial quanto de gênero⁵.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos trazer narrativas de professoras negras e suas experiências com o racismo e sexismo nos espaços universitários. São trajetórias profissionais marcadas por rupturas, desafios, mas também por ganhos e aprendizados. Assim, muito além do que repetir histórias já ditas e discussões que não fogem da realidade (mulheres negras, empregadas domésticas, babás etc.), a ideia de falar sobre trajetórias profissionais de professoras universitárias negras e doutoras advém do fato já constatado pelas estatísticas de quão complexa é a chegada dessa categoria ao grau de formação *stricto sensu*, no quesito doutoras.

São mulheres que fizeram rupturas sociais bastante pertinentes, ou seja, escolhas e caminhos profissionais, não comuns ao que é esperado para mulheres negras como um todo. Cada uma delas faz parte de um segmento da sociedade que vem rompendo com os estereótipos e preconceitos no universo científico, trazendo também novas discussões para pensar a mulher negra em inúmeras possibilidades. Todavia, pagaram e continuam pagando o preço de serem questionadas pelos padrões sociais se afirmando cotidianamente, como, por exemplo, o de “ser uma boa mãe” e uma “boa esposa”, que não está presente o tempo todo da formação do filho e do cuidado da casa e do marido.

Por fim, apesar de serem carreiras que podem ser identificadas por ausências, tais trajetórias não devem ser encaradas pelo olhar do exótico ou da exceção que confirma a regra, mas por histórias que motivam a assunção de novas ações e gerações de jovens negras universitárias. E mais que isso, trata-se de evidenciar trajetórias de mulheres negras recriando e transformando o espaço científico, chamando a atenção para dilemas e problemas que não deixaram de existir – racismo e sexismo.

As nuances relatadas pelas professoras negras fazem parte de uma discussão de um contexto maior em que cotidianamente se enfrentam situações de racismo e sexismo para além da posição que ocupam. O fato de ocuparem determinada posição no mercado de trabalho não as isenta de sofrer pelas mesmas ações vivenciadas pela maioria de mulheres negras que vivem na invisibilidade. Entre os principais desafios encontrados na esfera

⁵ Como bem destacado por uma das entrevistadas é o espaço onde elas se encontram como pesquisadoras e aglutinam demais estudantes que também vivenciam situações de discriminação e preconceito na universidade.

profissional, tem-se a expressiva constatação por todas as entrevistadas de que “o racismo continua a existir mesmo que tenha uma ascensão social. Ascensão social não protege contra o racismo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORDI, Ivonne Vizcarra; BAUTISTA, Graciela Velez. Género y éxito científico en la Universidad Autónoma del Estado de México. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 581-608, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300005&lng=en&nr_m=iso>. Acesso em: 09 abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300005>.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CARVALHO, Marília Gomes de Lindamir, CASAGRANDE, Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, Florianópolis, v.8, n.2, p. 20-35, Jul./Dez. 2011 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n2p20/20565>> Acesso em: 20 de mar. de 2015
- CARVALHO, José Jorge. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos*. UniCEUB, FACJS Vol.2,N.1/07.ISSN 1980-8887 Disponível em: <http://publicacoes.uniceub.br/index.php/pade/article/view/144/133> Acesso em: 20 de jun. 2016
- CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos, dos Santos; REIGOTA, Marcos Antonio. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. Avaliação: *Revista da Avaliação da Educação Superior* [online] 2010, 15 (Julio-Sin mes): Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=219115782005>> ISSN 1414-4077 Acesso em: 10 de janeiro de 2016
- DA SILVA, Joselina. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais - doi: 10.5007/2175-795X. 2010 v28n1p19. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2011. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n1p19>>. Acesso em: 09 marc. 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 23ª Ed. São Paulo: Graal, 2007
- GOMES, Nilma Lino. *Trajetoira Escolar de professoras negras e sua incidência na construção da identidade racial: um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, UFMG, 1994.
- LABORNE, Ana Amélia de Paula. Por essa porta estar fechada, outras

- tiveram que se abrir: identidade racial negra, branquitude e trajetórias de docentes da Educação Superior. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.
- MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. Mulheres negras professoras: das barreiras raciais à ascensão social. *Revista Encontro de Pesquisa em Educação*, Uberaba, v.1, n.1, p.1. 2013 Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDYQFjAD&url=http%3A%2F%2Frevistas.uniube.br%2Findex.php%2Fanaiss%2Farticle%2Fdownload%2F747%2F1044&ei=DBxOVdi-CYHRgwTYyIH4BQ&usg=AFQjCNEVceyNRLdzGKywwSAIrJpZeKbdjg&sig2=fZbPAfaxgt4aFZCRhyv24A&bvm=bv.92885102,d.eXY> Acesso em 02 de abr. de 2016
- MINELLA, Luzinete Simões. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna? *Cad. Pagu*, Campinas , n. 40, p. 95-140, June 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Mai. 2016..
- NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do, MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A influência da cor/raça na trajetória profissional de professoras negras*. Salvador: 2011, Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2010. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1305571082_ARQUIVO_Ainfluenciadacor-racanaTrajetoriaprofissionaldeprofessorasnegras-TrabalhoCompleto.pdf Acesso em: 05 de jun. 2016
- NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do. *Histórias de vidas de professoras negras: trajetórias de sucesso*. Cuiabá- MT, 2012: Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Área de Concentração Educação, Cultura e Sociedade, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ie.ufmt.br%2Fppge%2Fdissertacoes%2Findex.php%3Fop%3Ddownload%26id%3D420&ei=DBxOVdi-CYHRgwTYyIH4BQ&usg=AFQjCNFAOyn35QIkaQYJm4WfV6428v5BMA&sig2=04SdYby4tRz8bgA33wGLEA&bvm=bv.92885102,d.eXY> Acesso em: 15 de abr. de 2016
- OLIVEIRA, Eliana de. *Mulher negra professora universitária: Trajetória, conflitos e identidades*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006
- OLIVEIRA, Neuza Maria Santana de. A mulher negra e a busca pela intelectualidade: derrubando barreiras e construindo caminhos. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 1 N. 2 – pag 293 - 310 (jun - set 2015):“Educação e relações étnico-raciais”
- PRATES, Dinamara Silva. A inserção das mulheres negras nos cargos

- docentes das instituições de ensino superior. *ANAIS DO VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS* UFPA. Belém, Pará. 2014. Disponível em: <http://www.para2014.copene.org/resources/anais/3/st10/DINAMARA%20DA%20SILVA%20PRATES%20-%20OK.pdf> Acesso em 10 de mar. de 2016.
- QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. *Raça, Gênero e Educação Superior*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, UFBA, 2001. 320 p. Disponível em: http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/ufba_tese_2001_DMQueiroz.pdf Acesso em: 20 de mar. de 2016.
- REIS, Maria Clareth Gonçalves. *Mulheres negras e professora no ensino superior – As histórias de vida que as constituíram*. 35ª Reunião da Anped. GT 21. Educação e Relações étnicas raciais. Porto de Galinhas: 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-2187_int.pdf Acesso em: 10 de mar. de 2016.
- RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Classe, “raça” e mobilidade social no Brasil. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000400006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: de 23 fev. 2015
- SILVA, Maria do Rosario de Fátima Viera. *Mulher afrodescendente na docência superior em Parnaíba: memórias da trajetória de vida e ascensão social*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Piauí: Teresina, 2012 Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/DISSERTA%20M%C2%AA%20R%20de%20F%C3%A1tima%202012.PDF> Acesso em: 20 de fev. de 2015
- TEIXEIRA, Moema De Poli. *Negros na universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- SANTOS, Tereza (2006) Professores universitários negros: uma conquista e um desafio a permanecer na posição conquistada. In: Oliveira, Iolanda de (Org.). *Cor e magistério*. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói, RJ: EDUFF.